

**ALUNOS DO PROEJA,
PRODUÇÃO DA LEITURA E CÓDIGOS LINGÜÍSTICOS:
COMO SE DÁ ESSA RELAÇÃO?**

Elane Kreile Manhães (IFF)

ekreilem@gmail.com

Gerson Tavares do Carmo (UENF)

gtavares33@yahoo.com.br

Rozana Quintanilha Gomes Souza

Este trabalho teve por objetivo entender questões concernentes ao relacionamento dos alunos do PROEJA com a leitura dos códigos linguísticos pelos quais eles são orientados. Como ponto de partida, Adotou-se a hipótese de que os diferentes códigos linguísticos os levam a enfrentar, na escola, situações conflituosas com relação ao ato da leitura. Como desdobramento dessa hipótese, pensou-se que as situações e posicionamentos conflituosos enfrentados pelo aluno de classes economicamente desfavorecidas são, de maneira tácita, tornadas opacas pelos agentes que incorporam uma construção do poder dominante como único modo possível de ser, com a intenção de colonizar o saber e de criar sujeitos subordinados por natureza. Os dados da pesquisa foram obtidos através da coleta de narrativas orais produzidas por 30 alunos do PROEJA, no Instituto Federal Fluminense – *campus* Itaperuna. Como metodologia de investigação, foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e com objetivos de cunho exploratório e investigativo. As narrativas foram analisadas com o suporte do *software* Atlas TI, à luz da teoria dos códigos linguísticos, do sociólogo inglês Basil Bernstein (2011; 1997; 1996; 1987). Como resultado, observou-se que a maior parte dos depoentes se orienta pelo código restrito, código considerado sem prestígio pela escola, o que faz com que se perpetue a segmentação entre os autorizados e os excluídos pelo universo escolar, uma vez que, ao se depararem com uma série de dificuldades na escola, emergem, entre os alunos do PROEJA, discursos carregados de explicações fatalistas, propagando a ideia de que haverá sempre um grupo, no qual eles não se inserem, que consegue ler bem e que tem acesso a oportunidades que não fazem parte de seu mundo.